

Dos aprendizados com o fogo, testemunho de um combate a incêndio
Por Alik Wunder, 4 de julho de 2021

Há um ano, no dia 7 de julho de 2020, o fogo apareceu com força em nossas vidas, com toda sua potência destruidora e descontrolada.

Pouco antes, em junho, nós decidimos ficar por um tempo em nosso sítio Arvoredo, em Pocinhos do Rio Verde (Caldas, sul de Minas Gerais), aproveitando para cuidar e sermos cuidados por este lugar, onde no ano anterior havíamos construído uma pequena casa. A pandemia, o isolamento social, o cancelamento de todos shows do João Arruda, meu companheiro e o trabalho remoto na universidade e na escola de meu filho abriu-nos a possibilidade de colocarmos energia nesse lugar.

Há muitos anos, o Vale da Pedra Branca já nos encantava e nos alimentava desde as primeiras visitas ao sítio da Rosa dos Ventos, a Casa de Acolhida do nosso querido amigo Carlos Rodrigues Brandão. Ao pé de uma montanha, entre pequenas nascentes, fragmentos de Mata Atlântica de altitude nos aninhamos, restaurando o solo, plantando, aprendendo, nos fortalecendo, ao mesmo tempo que sentíamos este doloroso momento de adoecimento coletivo.

Nesta manhã fria e ensolarada, acordamos com um evento estranho. Na saída da porta da cozinha, uma mancha escura se movia no chão: milhares de formigas se movimentavam numa mesma direção, desciam o morro. Alertei João que aquilo sinalizava perigo, havia lido relatos de pessoas sobreviventes de terremotos e tsunamis, que diziam que este comportamento das formigas era um dos primeiros sinais das catástrofes. Seguimos nossos trabalhos do dia com essa mensagem enigmática do formigueiro.

Às 13h, após uma longa e tensa reunião remota da universidade, preparando o almoço recebo a visita de Márcio e Deco, irmãos moradores do Vale da Pedra Branca. Eles viram um foco de fumaça em cima do morro e rapidamente subiram, sabendo que estávamos por lá. Saímos juntos para olhar e o fogo já estava na copa das árvores a menos de 500 metros de casa. Ventava forte, a vegetação estava muito seca e o fogo descia com muita velocidade.

Conhecedores das dinâmicas dos incêndios, eles nos alertaram para retirar os objetos de valor da casa e levá-los no carro para um lugar seguro, pois em meia hora o fogo chegaria até nós.

Olhar para a sua casa e escolher rapidamente o que deve ser salvo é uma experiência marcante: documentos, alguns livros, computadores, violas, tambores, o que mais? Não há tempo. Me lembrei das formigas enquanto carregava de forma apressada e desajeitada esse punhado de coisas.

João foi com eles olhar de perto o incêndio florestal, identificaram a origem, uma fogueira mal apagada. Eu corri para um local com sinal de celular para mandar mensagens aos amigos e amigas da cidade. O corpo de bombeiro mais próximo estava a 40 minutos, em Poços de Caldas, sem muita esperança acionei-os. Por orientação dos bombeiros comecei a molhar a vegetação

envolta da casa, com a sensação de que nada adiantaria, já ouvia o ruído das labaredas e o vento quente vindo de cima da montanha.

Deco e Márcio observaram que a estrada que leva à propriedade de cima poderia segurar o fogo que descia. Rapidamente criaram uma estratégia de combate: limpeza do capim seco da estrada, abertura de uma aceiro de dois metros de largura e atear “fogo contra fogo”, técnica tradicional de colocar fogo em direção ao incêndio para contê-lo.

Começamos os trabalhos e, em menos de meia hora, havia mais de vinte pessoas conosco, todas com enxadas e muita coragem. A maior parte delas combateram o incêndio da Pedra Branca em 2017 e fazem parte da Aliança em Prol da APA Pedra Branca, organização ambiental da qual também participamos.

Fiquei organizando as ferramentas e enchendo baldes de água numa mistura de desespero, de esperança e de gratidão àquelas pessoas que numa terça-feira à tarde largaram tudo para nos ajudar: Deco, Márcio, Daniel, Bruno, Fábio, Zé Brandão, Ushi, Alan, Wendy, Bruno Matuto, Adriano, Priscila, alguns funcionários da prefeitura e várias outras pessoas que não conhecia.

O fogo foi sendo contido pela estrada e pelo aceiro de mais de 300 metros aberto com muita rapidez em mutirão. Controlado nessa direção, desceu com força pela propriedade ao lado, um vasto pasto de capim-gordura - gordura vegetal que é puro combustível. Formamos nessa hora uma linha de pessoas na divisa do sítio, olhando atônitos para as labaredas de mais de dez metros que se formavam no momento do “fogo contra fogo”. Em meio ao vento forte, cada um com um balde, uma mangueira ou uma enxada, hora avançávamos, hora recuávamos por causa do calor, tentando segurar o fogo que descia e chegava a menos de três metros de casa. Muitos gaviões sobrevoavam a área queimada, talvez atrás dos animais que fugiam. Imagino quantos ninhos foram queimados, quantos animais não conseguiram fugir.

Nessa hora as formigas deveriam estar longe e nós ali numa ação coletiva como um formigueiro, criando uma linha entre a casa e o fogaréu.

Foi justo nesse momento de maior tensão que os três bombeiros chegaram. Caiu por terra a imagem de um grande carro de bombeiros com grandes mangueiras nos salvando (uma parte de mim tinha esta esperança). Entendi que essa imagem serve para a cidade e não para incêndios florestais. Os bombeiros entraram no movimento com abafadores e bombas costais com roupas e equipamentos de segurança, bem diferentes de nós.

Entre as rajadas de vento quente, a gente nesse vai e vem, recuando e avançando, no meio da confusão um deles me pergunta: "Onde tem uma lagoa? Vou chamar um helicóptero pois não vamos conseguir conter o fogo assim". Não tive forças para responder, não havia tempo. Ficou ressoando aquela música do Emicida: “Tudo que nós tem é nós”. E depois desse dia, essa canção faz cada vez mais sentido para mim.

Depois de quatro horas de trabalho, o fogo foi contido na nossa direção e do sítio abaixo de nós, mas seguiu pelo vale por aproximadamente dois quilômetros, queimando a borda da floresta do topo do morro e velhas árvores dispostas no pasto.

Felizmente não havia nenhuma casa ou construção em todo esse trecho. No fim de tarde, Daniel, presidente da Aliança, e Priscila, secretária de Meio Ambiente voltaram, estavam tentando conter o fogo na borda da mata. Ficamos por horas sem saber se estavam bem e a última mensagem recebida por celular era que estavam cercados pelo fogo.

Felizmente ninguém se feriu, a casa estava salva e isso foi motivo de celebração entre nós. Ao anoitecer, por volta das 17h30, sentamos finalmente para almoçar, cansados e aliviados.

Ao cair da tarde seguimos a linha do aceiro para nos certificar de que não havia focos e, com o escuro, veio a notícia de que o trabalho ainda não tinha terminado.

Havia centenas de tocos queimados incandescentes na linha limite por onde o fogo passou. A cena era bonita, a montanha parecia um céu estrelado. O vento forte continuava e vimos as faíscas dançarem em direção a área preservada, das árvores e dos velhos mourões caíam brasas. Vimos que em cima de duas árvores altas, ainda havia fogo. Nessa hora começou a segunda parte do combate.

Felizmente chegou uma segunda turma de apoio com motosserra, escadas e muita vontade de ajudar. Jean, Arthur e Fábio. Com baldes de água, montanha acima fomos apagando cada toco aceso. Artur, conseguiu escalar as duas árvores e, com nossos lençóis encharcados em água, foi apagando o fogo dos galhos. Não conseguimos chegar ao galho mais alto de uma das árvores, que derramava brasa no capim seco.

Ficamos até as três da manhã em vigília apagando o fogo que iniciava a cada brasa que caía. Fomos dormir exaustos, intoxicados pela fumaça, sujos de fuligem, completamente sem forças após catorze horas de trabalho. Duas horas depois, João acorda com um barulho, corre até a árvore e vê que um grande galho em brasa havia caído e iniciava um novo incêndio. Conseguiu conter. Até hoje não sabemos como esse barulho foi ouvido por ele, pois a árvore estava a mais de trezentos metros de casa. João não sabe se ouviu acordado ou em sonho.

E seguiram-se noites cheias de pesadelos, taquicardia e sobressaltos. Seguimos a semana imaginando: e se o fogo tivesse chegado na madrugada? E se o vento tivesse se voltado para o oeste? E se não tivéssemos feito a estrada nova acima de casa? E se os vizinhos não tivessem nos avisado a tempo? E se...

Na semana que se seguiu foram dias de intenso trabalho para conter o fogo que voltava dentro da mata. A brasa seguia para dentro da floresta pela serrapilheira - camada de folhas do chão - e ao encontrar uma árvore morta, o incêndio iniciava. O trabalho foi feito diariamente, durante todo o dia, por

pequenos grupos: identificar os focos de incêndio, fazer aceiros em torno dos troncos secos e jogar água nas brasas. Passamos oito dias carregando água da mina montanha acima e com enxadas fazendo os aceiros.

Toda manhã alguém da montanha da frente nos enviava fotografias e identificávamos os focos. No primeiro dia após o incêndio eram muitos e foram diminuindo na semana.

Apesar de todo trabalho, foi muito bom ver o quanto ele dá resultado.

Aprendi nessa experiência que o chão da mata é muito mais arejado do que imaginamos, com o fogo é possível ver sulcos feitos pelas raízes, em especial nessa região repleta de pedras. As pedras guardam o calor e fazem o fogo seguir, no meio do dia, no pico do sol, o fogo retorna. Parece que a memória vulcânica desse lugar se acendeu. Por vezes víamos fumaça saindo de buracos do chão e mais a frente víamos pequenas fogueiras em um tronco caído.

Pituca, nossa cachorra, acompanhou todo o trabalho e, por vezes, sumia na mata. Duas vezes a vi latindo em um lugar longe e ao encontrá-la havia ao seu lado um foco de fogo. Foi muito emocionante perceber a força coletiva de formigas, cachorros, gentes e da própria floresta em segurar o fogo. Em alguns lugares próximo a borda, onde o fogo chegava, havia uma neblina úmida e parecia que era a própria floresta puxando umidade da terra para se proteger.

A vida quer vida, a vida protege a vida.

Achei importante escrever este texto para que possamos olhar com mais atenção o trabalho essencial que as Brigadas contra Incêndio realizam em todo Brasil.

Tive a dimensão da importância desse trabalho, em geral voluntário, nessa experiência. Tenho a intuição de que com o aquecimento global, com os governos irresponsáveis e com a pulsão destruidora do agronegócio, cada vez mais teremos que colocar atenção a esse trabalho.

Seguimos nas lutas pela vida. Vida que quer vida, vida que protege a vida.

Dedico este texto aos irmãos Márcio e Deco por terem agido rápido e com muita precisão, nos orientando em todas as ações, e ao Daniel Tygel que esteve conosco durante toda semana, fazendo relatos diários e articulando o poder público local.

Alik Wunder, 4 de julho de 2021